

Centros Cerimoniais do Planalto Meridional – uma análise intrasítio.

Marco Aurélio Nadal De Masi, Ph.D.

Laboratório de Antropologia Cultural e Arqueologia

Unisul Business School

Resumo

A análise do padrão de assentamento no Baixo Vale do Rio Canoas (De Masi, 2006), produziu em nível regional uma nova perspectiva do uso do espaço pelos grupos ancestrais dos Gê do Sul. As categorias de sítios encontrados foram: aldeias de superfície definidas pelas concentrações de fragmentos de cerâmica em superfície e sub-superfície; os acampamentos de caça definidos pela produção de pequenos bifaces - pontas de projétil; áreas de cultivo definidos pelas ocorrências aleatórias em superfície de grandes bifaces; estruturas subterrâneas com diferentes funções, mas principalmente estocagem; centros cerimoniais definidos por aterros anelares com montículos centrais e cemitérios em suas proximidades. O uso de teorias de nível médio, isto é, hipóteses criadas a partir de dados etnohistóricos e etnográficos sobre os Gê do Sul, podem auxiliar na interpretação funcional dos dados arqueológicos. Neste trabalho será feita uma análise do uso do espaço – intrasítio - de uma destas categorias, os centros cerimoniais e os cemitérios associados, os quais mostram locais de enterramentos coletivos e locais de enterramento individuais indicando hierarquia social em 1440 d.C. Além de outros vestígios que podem indicar atividades ritualísticas associadas a ritos de passagem, e atividades domésticas nas suas proximidades.

Introdução

No final da década de 60 o uso de teorias de alcance médio, vindo da sociologia (Merton, 1968), passou a integrar a Nova Arqueologia principalmente através de estudos de processos de formação dos sítios arqueológicos (Binford 1968, 1977; Hill, 1972; Fritz, 1972; Reid et al, 1975; Schiffer, 1972), bem como através da criação de modelos interpretativos dos dados arqueológicos para se entender os processos culturais (Thomas, 1979; Binford, 1980; Bettinger 1991).

Para Bettinger (1991) a falta de dados para a interpretação do registro arqueológico nos estudos de antropologia social fez com que os próprios arqueólogos realizassem estudos para fazer suas interpretações através da arqueologia comportamental (Schiffer, 1972, 1976) e etnoarqueologia (Campbell, 1968; Gould 1978; Kramer 1979). Para ele é difícil encontrar consenso na definição aplicável de teorias de alcance médio. Para Binford (1977) teorias de alcance médio abordam o modo como nós conseguimos fazer asserções sobre o passado a partir de fatos contemporâneos. De outro modo: como nós transformamos fatos estáticos do passado a partir do registro arqueológico em processos dinâmicos. Para Thomas (1979) sua função é ligar o vazio entre o conhecido e observável registro arqueológico e o desconhecido não observável contexto sistêmico.

Para Willey and Sabloff (1980:249-254) em arqueologia teorias de nível superior são explanações altamente abstratas sobre o comportamento de todos os sistemas culturais. Teorias de nível inferior em arqueologia podem ser identificadas como os estudos dos processos de formação dos sítios arqueológicos, por exemplo: os transformadores culturais e naturais de Schiffer (1976), ou a distribuição espacial dos artefatos estudados pela arqueologia comportamental. As teorias de nível médio funcionam como conexões entre os fatos estáticos do registro arqueológico e os comportamentos que os produziram. Estas podem variar desde asserções específicas até asserções amplas com significado geral dependendo do tipo da necessidade que tem o arqueólogo ao formular e testar hipóteses em arqueologia. Como o registro

arqueológico se formou, caracteriza teoria de nível inferior. E o porque? isto é, que comportamento gerou aquele registro, já não faz parte do processo de formação mas sim passa a fazer parte de teoria cultural (nível médio).

Para Raab and Goodyear (1984), é difícil ver diferenças significantes entre teorias de alcance médio e alcance inferior. Para os autores quando se parar de perguntar que tipos de comportamentos podem ser associados a certos tipos de registros arqueológicos, e se começar a perguntar porque tais comportamentos acontecem, ou mudaram, ou se mantêm estáveis, se estará realizando construção de teoria de forma significativa. Eles consideram como exemplo de teoria de alcance médio o modelo forager-colector de Binford (1980) que procura explicar variabilidade organizacional em grupos modernos e pré-históricos, baseado em variáveis ambientais. A abordagem de Binford possibilita asserções sobre aspectos (subsistemas) do sistema cultural de caçadores coletores, que podem ser explorados empiricamente através dos registros arqueológicos.

Para Trigger (1989) teorias de nível médio e teorias de alcance médio não são a mesma coisa. Teorias de nível médio referem-se exclusivamente ao comportamento humano e teorias de alcance médio referem-se a ambos, o comportamento humano e as características arqueológicas associadas a este. Para ele tudo o que Binford caracteriza como teorias de alcance médio podem ser consideradas como um tipo de teoria de nível médio. Ele conclui que teorias de alcance médio são vitais para se testar todas as teorias de nível médio relacionadas aos dados arqueológicos.

A análise do padrão de assentamento no baixo vale do Rio Canoas, SC quanto a categorização dos sítios arqueológicos utiliza o modelo de Binford (1980). Baseado nos dados etnográficos de Murdok (1967) e dados de produtividade ambiental de Bailey (1960), o modelo estabelece duas estratégias econômicas de obtenção de recursos, caçador (foraging –mapping on) e coletor (colector -logística). A primeira estratégia leva o consumidor aos recursos gerando dois tipos de sítios arqueológicos bases residências e sítios acampamentos. A segunda estratégia leva os produtos ao consumidor, acrescentando mais categorias de sítios arqueológicos. A distribuição destas atividades está segundo Binford (1980) relacionada a temperatura efetiva da área que indica a produtividade terrestre. Áreas com baixa temperatura efetiva ($<15^{\circ}\text{C}$) apresentam distribuição espaço temporal concentrada de recursos, gerando um padrão de baixa mobilidade do grupo. Enquanto que regiões com alta temperatura efetiva ($>15^{\circ}\text{C}$) a distribuição espaço temporal dos recursos é aleatória e continua, gerando um padrão de alta mobilidade. Isto é “todos os recursos críticos estão dentro do alcance da captação de recursos de uma base residencial...” (Binford, 1980:15). Dessa forma o modelo de Binford prediz grupos com alta mobilidade na área equatorial (caçadores) e grupos com baixa mobilidade em áreas temperadas e periglaciais (coletor). O modelo ainda prediz o tipo de padrão esperado nos sítios arqueológicos formados para cada categoria, considerando a formação do sítio arqueológico. Alta mobilidade produz agrupamentos bem definidos de artefatos, enquanto baixa mobilidade ao contrário produz uma organização grosseira do contexto arqueológico ficando difícil relacionar os artefatos com eventos específicos.

Para caracterizar o modelo de Binford a nível regional inicialmente utilizamos os dados etnohistóricos dos Guaianãs (Kaingang) para estabelecer as categorias de sítios esperados no vale do Rio Canoas. Para área em estudo

o tipo de estratégia esperada pelo modelo de Binford é de coletores (foraging). A variação regional do modelo criada com os dados etnhistóricos possibilitou estabelecer as seguintes categorias de sítios arqueológicos: 1) bases residenciais - definidas por aldeias de superfície, covas no chão e/ou cavernas 2) acampamentos temporários – comuns durante deslocamentos temporários - migrações, e sítios superficiais de produção de pontas de projétil, 3) cemitérios – caracterizados por fossas verticais com montículos e sepultamentos secundários.

As categorias funcionais de sítios arqueológicos encontrados no levantamento arqueológico foram: aldeias de superfície definidas pelas concentrações de fragmentos de cerâmica em superfície e sub-superfície; os acampamentos de caça definidos pela produção de pequenos bifaces - pontas de projétil; áreas de cultivo definidos pelas ocorrências aleatórias em superfície de grandes bifaces; estruturas subterrâneas com diferentes funções, mas principalmente estocagem; centros cerimoniais definidos por aterros anelares e cemitérios com aterros anelares e montículos centrais.

Aterros anelares

A distribuição geográfica de sítios arqueológicos do tipo danceiros (aterros anelares e outras formas) ocorrem desde as encostas do sistema Serra do Mar/Serra do Tabuleiro, SC até Misiones na Argentina (Menghin, 1968; Rohr, 1971; Alberione dos Reis, 1997; Bebbber, 2004)

Os aterros anelares são mencionados na literatura arqueológica inicialmente por Chmyz (1968) no Paraná. Rohr (1971) os identifica em Santa Catarina em Bom Retiro, Urubici, Petrolândia, e São Joaquim e os caracteriza como terreiros de antigas aldeias, embora a população local os identifique como danceiros, isto é, o local onde os Índios praticavam sua danças. Segundo os dados de Rohr (1971, 1984) estes aterros anelares ocorrem predominantemente no topo dos morros com dimensões variáveis de 15 a 70 m de diâmetro, com alturas de 20 a 30 cm, podem ou não apresentar montículos ou depressão central, e associados ocorrem cerâmica e lítico incluindo pontas de projétil.

Mentz Ribeiro (1991, em Alberione dos Reis, 1997) menciona para o Rio Grande do Sul (Esmeralda) aterros com formas geométricas distintas, freqüentes nos topos dos morros, ocorrendo de forma isolada ou em grupos, havendo alguns com um montículo central. Segundo Alberione dos Reis estes aterros circulares ocorrem até na região de Misiones na Argentina (Menghin, 1956). Para Menghin, (1956, em Riberio, 1999-2000) estes aterros anelares, os quais ainda são contruídos por grupos Gês, seriam locais sagrados, talvez com paliçadas, e o montículo seria um túmulo.

Todos os sítios identificados como aterros anelares foram indicados pelos moradores locais durante o levantamento e salvamento arqueológico. Estes sítios são chamados pela população local de danceiros. As datas de C¹⁴ calibradas obtidas para os aterros anelares cobrem um período de 990 d.C. a 1640 d.C. Um número de cinco sítios arqueológicos foram identificados durante o levantamento (SC-AG-12, 1290-1420 d.C, 1270-1320 d.C. círculo 1, montículo 1, 1410-1470 d.C. círculo 2, montículo 1, 1440-1640 d.C. ; SC-CR-06 1640-1680 d.C) e durante o salvamento (SC-AG-75, 990 – 1160 d.C.; SC-AG-77, 1420 – 1520 d.C.; SC-AB-96, 1440 – 1640 d.C.).

Dois tipos de sítios foram detectados: primeiro aterros anelares de grandes dimensões (50-60m de diâmetro) e segundo aterros anelares de pequenas proporções (30-15m). Os aterros menores podem estar isolados ou em grupos de até quatro, com um ou dois montículos ou próximos aos aterros maiores. Os montículos quando únicos ocorrem no centro, mas quando em pares apresentam variações: dois montículos centrais, e um montículo central e outro sobre aterro anelar.

O Sítio SC-AG-12

Neste sítio arqueológico há dois aterros anelares denominados círculo 1 e círculo 2. O círculo 1 tem um diâmetro de 60 m, e é definido por uma cota mais elevada no terreno atingindo 60 cm de altura (Fig. 01, 02), sendo que na porção NE do mesmo as cotas são mais baixas ao nível da superfície topográfica do terreno. Em um dos transects do levantamento magnético seccionou a porção do aterro diagnosticando uma anomalia magnética. A escavação da quadrícula no local identificou uma estrutura de combustão a 1,10 m. Não foi possível observar variação na composição estratigráfica nos perfis que permita identificar o aterramento da construção do círculo.

A superfície topográfica mais elevada do terreno identifica o aterramento anelar, assim como uma elevação retangular com uma depressão na região central do círculo (Fig. 03, 04). Outra superfície elevada na forma de um montículo ocorre ao norte do retângulo central (Fig. 05, 06).

As escavações no retângulo central foram divididas em área A e área B. A depressão central localizada na área A apresenta nas porções laterais um revestimento de argila queimada sugerindo um piso de argila com inclinação para o centro da depressão, onde duas estruturas de combustão foram escavadas. Uma formada apenas por cinzas, e outra com pedras de fogueira e fragmentos de carvões datada por C^{14} calibrada em 1270-1320 d.C. Próximo as cinzas foi encontrado um tarso de cervídeo e abaixo das pedras de fogueira um piso inclinado de argila.

Nas áreas A e B as pedras de fogueiras das estruturas estão espalhadas e em algumas quadrículas aparecem parcialmente agrupadas, mas ainda de pequeno tamanho quando comparadas as estruturas de combustão da área N onde chegam a atingir 1 m de diâmetro com aproximadamente 30 cm de profundidade. As estruturas de combustão estão alinhadas uma ao lado da outra formando um semi-círculo no centro do aterro anelar (Fig. 07). As pedras de fogueira são predominantemente de seixos e fragmentos de seixos de basaltóides, e seguidos por sílica microcristalina e quartzo respectivamente. A estrutura D apresentou uma data calibrada de C^{14} de 1290-1420 d.C. sincrônica a estrutura P. A estrutura F que tem a maior quantidade de pedras de fogueira, faz parte de um outro contexto espácio-temporal definido por um montículo na área K, com dois sepultamentos cremados (adulto e criança) associados, datado por C^{14} em 1410-1470 d.C., calibrada. Os sepultamentos tem como oferendas funerárias associadas ao enterramento dois recipientes cerâmicos definidos como um copo e uma tigela.

No entorno das fogueiras da área central ocorrem muitos fragmentos de cerâmica e uma pequena estatueta feminina. Há uma variabilidade grande de tipos de decoração plástica, predominando os potes seguidos das tigelas e jarros, com bordas predominantemente retas. Associados as fogueiras também

ocorrem lascas de quartzo as quais são predominantes como artefatos líticos seguidos por artefatos de sílica microcristalina, havendo apenas um biface de basaltóide com grandes proporções. O proprietário encontrou uma mão-de-pilão no local, sem localização exata.

As escavações na área interna do aterro, próximas ao seu limite (aterramento), produziram poucas ocorrências de artefatos e nenhuma estrutura de combustão, com exceção da área k, mencionada anteriormente e área H. A área H localizada a NE do círculo 1, tem seu início na parte interna do aterro anelar e se estende para a porção externa do círculo (Fig. 01). Ocorrem algumas estruturas de combustão de pequenas proporções e concentrações de fragmentos de cerâmica indicando um uso do espaço distinto, da região interna do aterro anelar. Um tembetá de cristal de quartzo hialino foi encontrado nesta área, além de uma estatueta masculina.

O círculo 2 se situa a 80 m de distância a NE do círculo 1, com um diâmetro de 30 m, e dois montículos em sua porção central, denominados montículo 1 e 2. O aterro anelar apresenta-se bastante erodido sendo difícil sua visualização. Apenas o montículo 1 foi escavado (Fig. 08).

Seis sepultamentos cremados foram escavados neste montículo em aproximadamente 1 m² (Fig.09). Pelo tamanho e espessura dos ossos os sepultamentos 05 e 06 sugerem ser de crianças, e os outros de indivíduos adultos. Os sepultamentos se sobrepõem uns aos outros, sendo que o mais próximo a superfície, o sep 01 apresentou datação por C¹⁴ de 1420-1510 d.C. (calibrada) (Fig.10). Lascas e núcleos bipolares de quartzo hialino ocorrem associados, assim como recipientes cerâmicos como oferendas funerárias. No limite norte da trincheira ocorre uma concentração de carvões formando uma camada espessa de forma elíptica com fragmentos de ossos carbonizados, indicando o local de cremação. Ao lado, o início de uma segunda concentração de carvão similar a primeira começa a ser definida. Abaixo do sepultamento 03 há uma grande concentração de carvão com oferendas. Sugerindo diferentes áreas de cremação relacionadas a diferentes indivíduos.

Conclusão

Considerando o padrão de assentamento do baixo vale do rio Canoas as categorias de sítios arqueológicos encontradas não corresponderam ao modelo esperado utilizando-se os tipos de assentamentos baseado nos dados etnohistóricos dos Kaingang, devido a ocorrência de sepultamentos cremados sob montículos em aterros circulares. Cremação dos mortos não é praticada pelos Kaingang em seus ritos mortuários (Mabilde 1897).

Considerando que a cremação dos mortos é praticada por um outro grupo dos Gê do Sul denominado Xokleng, passamos a considerar o padrão de assentamento usando os dados etnohistóricos deste grupo. Entre os Xokleng se incluem um grupo denominado Pinarés, que historicamente estavam localizados na área de pesquisa, entre o Rio Canoas e o Rio Pelotas (Quiroga, 1749; Basile Becker, 1978).

Para Noeli (2000) a única forma de diferenciar arqueologicamente os Kaingang dos Xokleng é através do tipo de sepultamento e não a cerâmica a qual é muito similar no seu processo de produção, apesar das pequenas diferenças (Silva, 2000). Lingüisticamente os Xokleng são distintos dos Kaingangs (Davis, 1966, 1968; Wiesemann, 1978 em Noeli, 2000) embora ambos pertençam ao tronco lingüístico Gê. Há muitas outras diferenças:

biológicas (Salzano & Sutton, 1965; Salzano & Freire-Maia 1967 em Noeli, 2000), organização social, ritos de passagem, mitologia e sepultamento dos mortos (Becker 1988; Lavina, 1994; Hicks, 1966, 1971; Urban, 1978, 1992 em Noeli, 2000). Além disso, os Xockleng são descritos como caçador-coletores sem cultivo, enquanto que os Kaingang parecem ter possuído uma horticultura incipiente.

Lavina (1994) oferece uma excelente revisão da bibliografia existente sobre os Xockleng caracterizando muito bem o grupo em relação aos vários aspectos do seu modo de vida, bem como sua distribuição geográfica de acordo com os relatos históricos e antropológicos. Lavina também revê os dados arqueológicos que possivelmente podem estar relacionados aos Xockleng. Ele cria um modelo Xockleng, no qual o grupo é caracterizado como nômade em função das condições ecológicas da Mata Atlântica da encosta da Serra e os campos e Florestas de Araucárias no Planalto, pelas quais transitavam em diferentes estações do ano. Na primavera e verão nas encostas e no outono e inverno na Mata de Araucária. Na primavera e verão os acampamentos eram pequenos e pouco estáveis (alguns dias) com grupos de 8 a 30 pessoas. Locais com mais recursos teriam acampamentos mais estáveis de até uma semana, e locais pobres em recursos apenas uma noite. Os acampamentos cerimoniais (perfuração de lábios) se diferenciam nesta época do ano, pois são grandes e ocupados aproximadamente por um mês. No outono e inverno os grupos são maiores de até 50 pessoas e a duração da ocupação dos acampamentos seria mais longa de até três meses, devido à coleta de pinhão e a concentração de fauna em função da abundância do fruto das Araucárias.

Lavina descreve os tipos de abrigos e sua construção tanto em uma quanto em outra área ecológica de ocupação pelo grupo nas diferentes estações do ano, assim como descreve os tipos de atividades desenvolvidas por homens e mulheres, a manufatura de diferentes tipos de fogueiras, cestaria, cerâmica, artefatos líticos e de madeira bem como a caça e coleta dos recursos de subsistência, e sua preparação, e em alguns casos, a sua conservação (pinhão). Os mortos eram cremados e sepultados sob um montículo de até 50 cm de altura.

O padrão de mobilidade anual estabelecido por Lavina caracteriza o grupo com alta mobilidade na primavera e verão nas encostas da Serra e baixa mobilidade no outono e inverno nas terras altas. O que deve ser questionado é se esse padrão da época do contato é o mesmo no passado. O grupo pode ter se adaptado ao modo de vida caçador-coleto com alta mobilidade como uma estratégia de sobrevivência as frentes coloniais, portanto no passado o grupo poderia apresentar baixa mobilidade durante o ano todo, inclusive com a prática da agricultura e produção cerâmica, como sugerem os dados arqueológicos. Recipientes cerâmicos ocorrem associados com os sepultamentos cremados como oferendas funerárias. Restos carbonizados de fundo de recipientes cerâmicos indicam o uso de plantas C4 possivelmente o milho para o mesmo período de tempo.

Os rituais de cremação dos mortos é identificado na literatura etnográfica como sendo dos Xockleng, uma das etnias Gê do Brasil Meridional. Cremação não faz parte do ritual de morte Kaingang (Mabilde, 1836, 1899), grupo este que é a referencia tradicional nos estudos arqueológicos dos ancestrais Gês nas terras altas do Sul do Brasil (Schmitz, 2002). Portanto é possível inferir que

as áreas onde há ocorrência de aterros anelares pequenos com montículos são túmulos dos ancestrais dos atuais Xokleng. Já os aterros grandes podem ser centros cerimoniais que em um determinado momento podem se tornar um túmulo para pessoas de hierarquia elevada dentro do grupo social.

Nestes centros cerimoniais se realizariam a perfuração de lábio dos meninos para uso do tembetá. Segundo Paula (1924 em Lavina, 1994). Para a realização deste ritual uma grande área circular é limpa, com abrigos temporários na sua periferia. No centro é acesa uma fogueira e os homens e mulheres dançam e bebem incluindo as crianças. Ao chegar a um estágio insensível é feita a perfuração dos lábios. O papel das mulheres neste cerimonial era muito importante segundo Henry (1964 em Lavina, 1994). A mãe cerimonial perfura enquanto a avó segura o menino. As meninas ganhavam duas incisões abaixo da rótula na perna esquerda ao invés de terem o lábio perfurado.

Segundo Henry (1964 em Lavina, 1994) transcreve o depoimento do Índio Vamblé segundo o qual em um local preparado são empilhadas lenhas até a altura da cintura de um homem e sobre esta pilha é colocado o corpo do falecido orientado com a cabeça para oeste, com seus objetos pessoais, e juntamente com mel e carne assada em suas mãos. O cadáver então é recoberto de mais lenha até a pilha alcançar a altura de um homem que deve ficar escorada. A pira é acesa com bambu e todos se retiram. Se ao retornarem o corpo não está todo cremado o processo se repete. Os ossos carbonizados são colocados em um cesto forrado com folhas de xaxim e transportado ao local de enterramento caracterizado como uma cova no centro. No local de enterramento o cônjuge constrói um pequeno abrigo. Segundo Vasconcellos (1912 em Lavina 1994) a altura do montículo caracteriza a hierarquia no grupo. Sendo os mais altos para aqueles em posição mais elevada.

O sítio SC-AG-12 apresenta os dois tipos de ocorrência de aterros anelares (grande e pequeno) e em ambos ocorrem montículos com sepultamentos. Ambos apresentam datas calibradas que se situam no mesmo intervalo cronológico de 1440-1640 d.C. e 1420-1510 d.C., para o montículo 1 círculo 1 e montículo 1 círculo 2, respectivamente. No primeiro temos o enterramento de um adulto e um infante e no segundo temos enterramentos coletivos. O ritual de enterramento interpretado a partir das evidências arqueológicas parece ser diferenciado em ambos os casos, no primeiro temos um enterramento único embora duplo, e no segundo temos enterramento coletivo. Contudo todos são cremados. As oferendas no sepultamento do círculo 1 se caracterizam por um copo de beber e uma tigela de comer e uma fogueira de 2 m de diâmetro. Já no círculo 2 não há a grande fogueira, mas artefatos que não podem ser ligados diretamente a um corpo específico. Estas diferenças permitem inferir diferenças no status social dos indivíduos sepultados. Os indivíduos sepultados no círculo maior teriam um status superior aos indivíduos sepultados no montículo do círculo menor.

SÍTIO ARQUEOLÓGICO SC-AG-12
ÁREA DE ESCAVAÇÃO
CÍRCULO 1

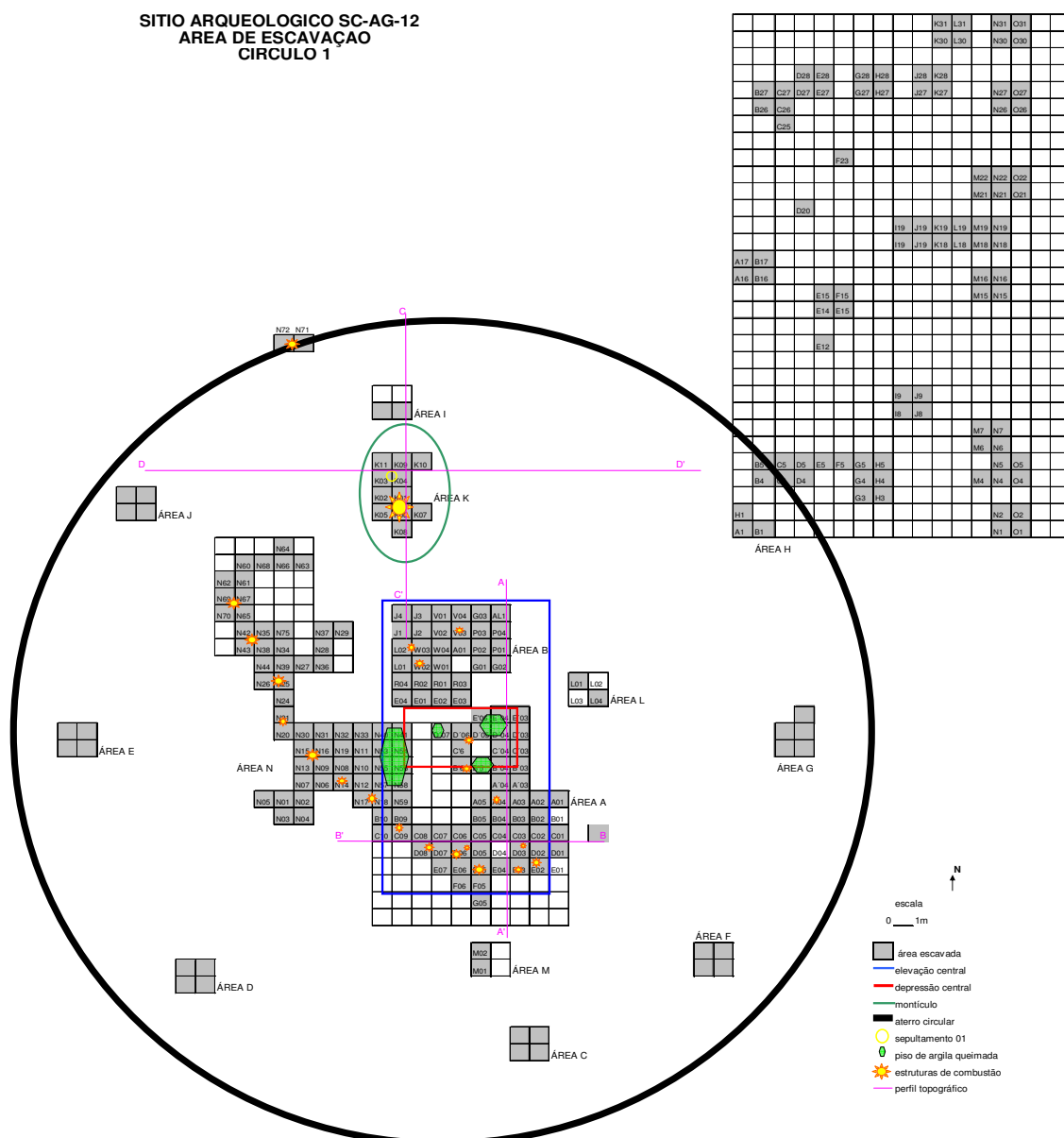


Fig. 01 – Croqui esquemático das áreas de escavações arqueológicas do Sítio SC-AG-12 Circulo I e localização das estruturas.



Fig. 02 – Aterro anelar – Circulo 1 – (SC-AG-12)

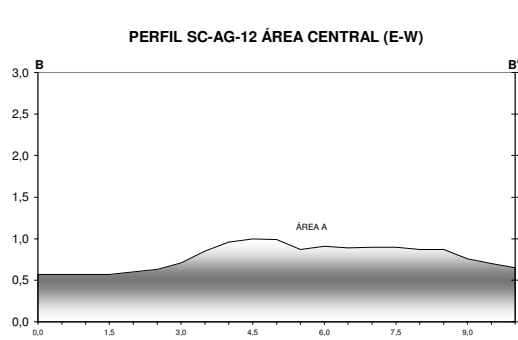


Fig. 03 – Perfil B-B' área central

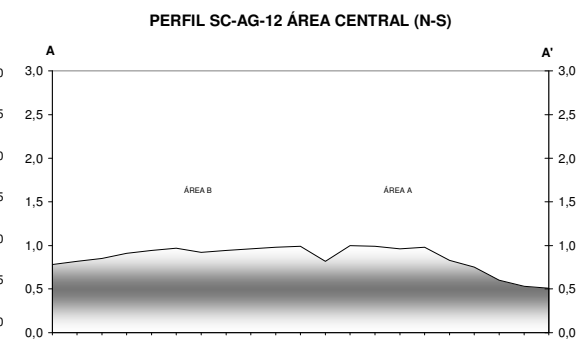


Fig. 04 – Perfil A-A' área central

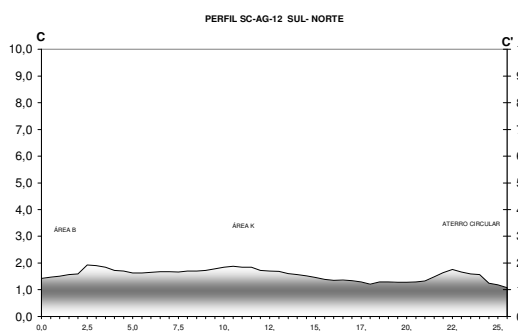


Fig. 05 – Perfil C-C' área K e aterro anelar

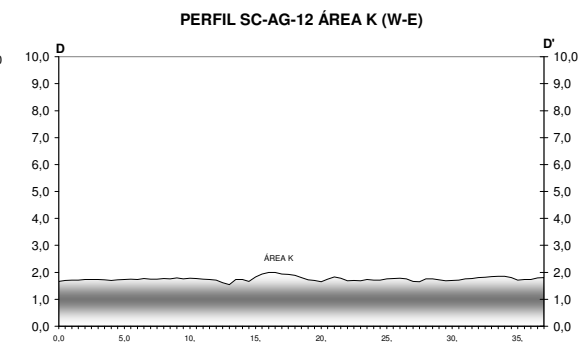


Fig. 06 – Perfil D-D' área K - montículo

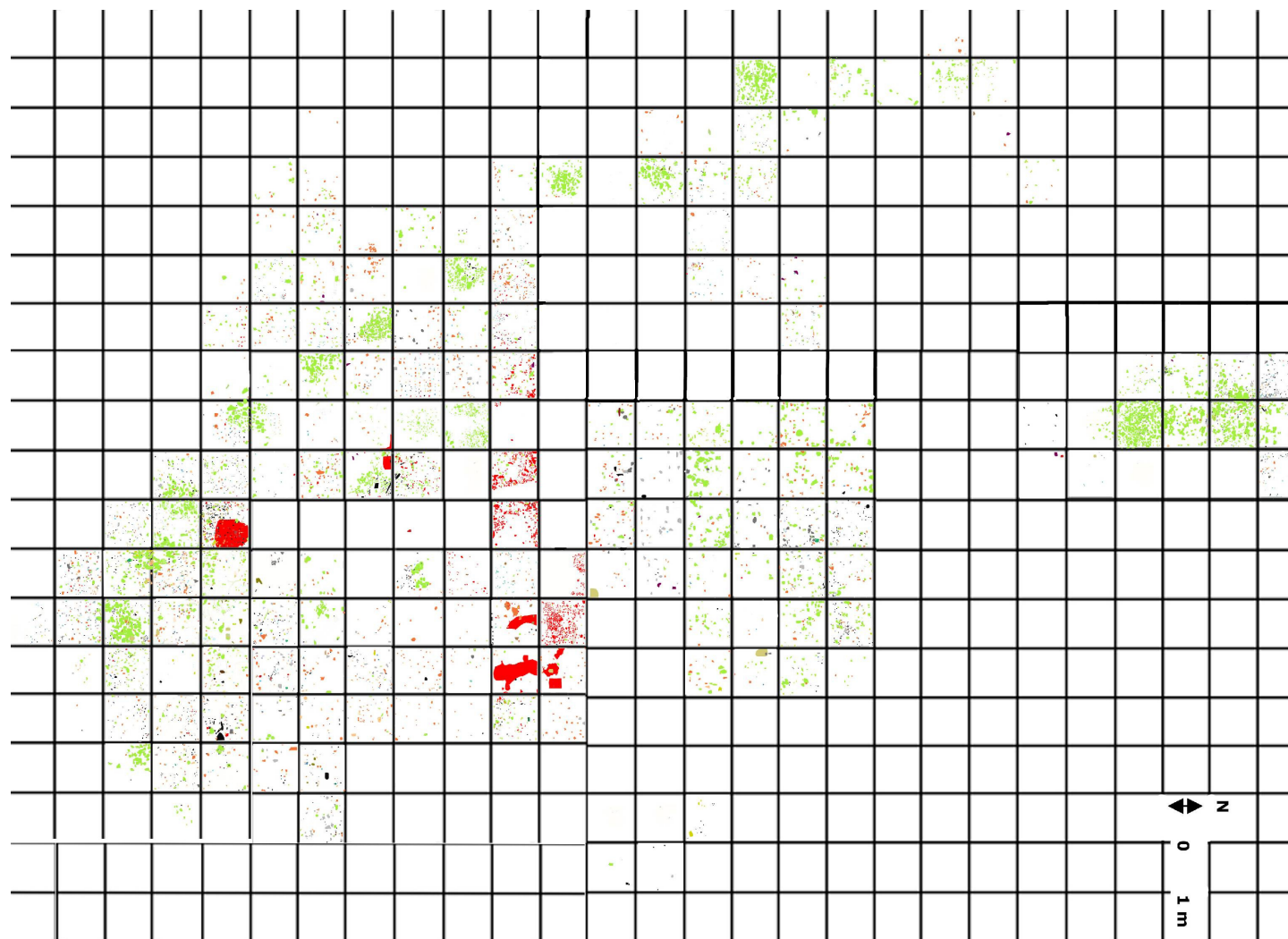


Fig. 07 – Distribuição espacial dos artefatos área central Circulo 1 (SC-AG-12). Artefatos em verde são pedras de fogueira; em vermelho, fragmentos de piso de argila; em terracota, fragmentos cerâmicos, em azul, líticos de quartzo hialino e em preto carvões.

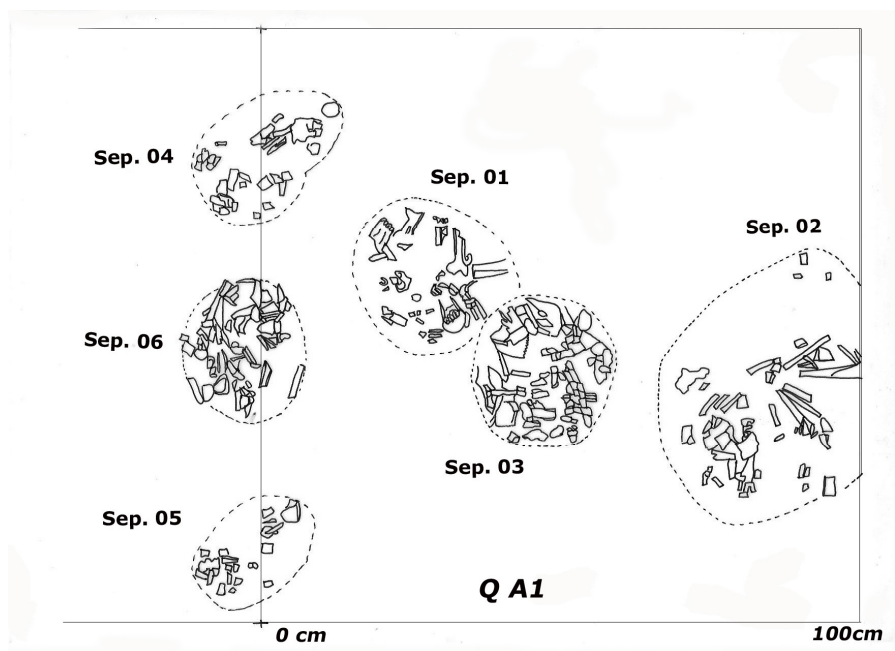


Fig. 09 – Sepultamentos cremados montículo I – Circulo 2 (planta baixa)

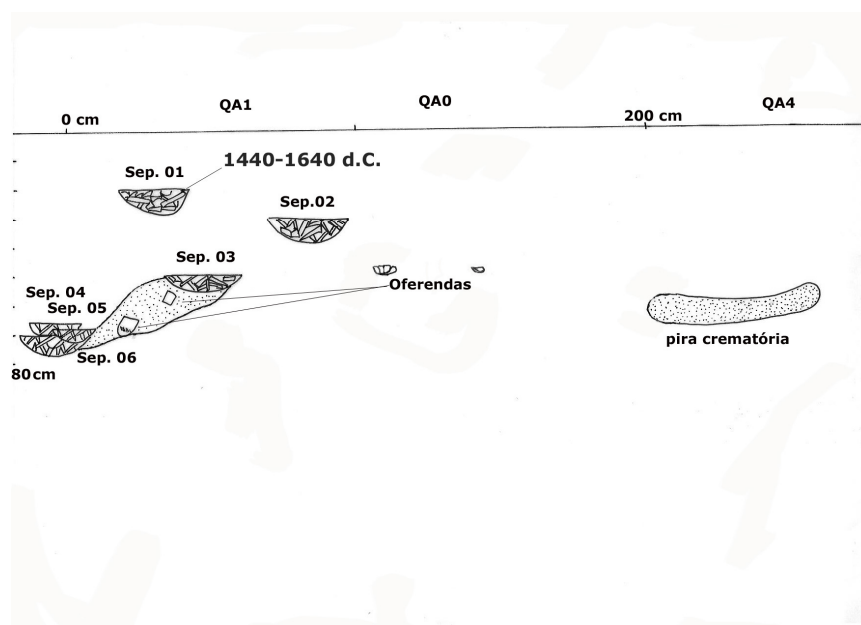


Fig. 10 – Sepultamentos cremados montículo I – Circulo 2 (perfil estratigrafico)

Bibliografia

Alberione dos Reis, José. 1997. *Para uma arqueologia dos buracos dos bugres: do sintetizar, do problematizar, do propor*. PUC-RS, Porto Alegre. (Dissertação de mestrado).

Basile Becker, 1978. O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia*, 29. São Leopoldo.

Bailey, H. P. 1960 A method of determining the warmth and temperateness of climate. *Geografiska Annaler* 43(1):1-16.

Beber, Marcus v. 2004. O sistema de assentamento de grupos ceramicos do Planlto Sul-brasileiro: o caso da Tradição Taquara-Itararé. Teses de doutorado, Unisinos. São Leopoldo, RS.

Behling et al 2004. Late Quaternary Ararucaria forest, grassland (campos), fire and climate dynamics, studies by high-resolution pollen, charcoal and multivariate analysis of the Cambará do Sul core in Southern Brazil. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Papaeoecology*, 203:277-297.

Bettinger, R. L. 1991. Hunter-gatherers: archaeological and evolutionary theory. Plenum Press, New York.

Binford, L. 1968. Archaeological Perspectives. In S.R. Binford e L.R. Binford eds. *New Perspectives in Archaeology*, pp. 5-32. Chicago: Aldine.

1977. *For Theory Building in Archaeology*. New York: Academic Press.

1980. Willow smoke dog's tail. Hunter Gatherer settlement systems and archaeological site formation. *American Antiquity*, 45 (1):4-20

Campbell , J. M. 1968. Territoriality among ancient hunter-gatherers: Interpretation from ethnography and nature. In B. Meggers ed. , *Anthropological Archaeology in the Americas*, pp. 1-21. Washington DC: Anthropological Society of Washington.

Chmyz , Igor. 1968. Consideração sobre duas novas tradições ceramistas arqueológicas no estado do Paraná. *Pesquisas, Antropologia*, São Leopoldo : Instituto Anchieta de Pesquisas-Unisinos, 18, p. 115-125.

De Masi, Marco A. N. 2006. *Arqueologia das Terras Altas do Sul do Brasil O Baixo Vale do Rio Canoas, SC. Xokleng 2860. As Terras Altas do Sul do Brasil. Transcrições do Seminário de Arqueologia e Etnohistória- Outubro de 2004; pp-47-75.*

Fritz, J. M. 1972. Archaeological Systems for indirect observation of the past. In *Contemporary Archaeology*, edited by M. P. Leone, pp. 135-157. Carbondale Southern Illinois University Press.

Gould, R. (ed). 1978. Beyond analogy in ethnoarchaeology. In: *Explorations in ethnoarchaeology*. Albuquerque, Univ. New México Press: 249-293.

Hill, J. N. 1972. The Methodological Debate in Contemporary Archaeology: A model. In *Models in Archaeology*, edited, by D. L. Clarke, pp.61-107. London, Methuen.

Kramer, C. 1979. ed. *Ethnoarchaeology: Implications of ethnography for Archaeology*. New York, Columbia University Press.

Lavina, Rodrigo. 1994. *Os Xokleng de Santa Catarina: uma etnohistória e sugestões para arqueólogos*. São Leopoldo, IAP/UNISINOS, 1994.(Dissertação de mestrado).

Mabilde. Pierre F. A. Booth. [1836/1866]1983. *Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação Coroados dos Matos da província do Rio Grande do Sul*. São Paulo, Ibrasa/INL.

1899. Apontamentos sobre os indígenas selvagens da nação “Coroados” que habitam os sertões do Rio Grande do Sul. *Anuario do Estado do rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Anno XV:125-151.

Menghin, Osvaldo F.A. 1956. El Poblamiento prehistórico de Misiones. In: *Anales de Arqueologia y Etnologia*. Mendoza, Tomo XII, p.19-40.

Merton, R. K. 1968. *Social Theory and Social Structure* (3rd) edition. New york: Free Press.

Murdock, G. P. 1967. Ethnographic atlas; a summary. *Ethnology* 6:109-236.

Noelli, Francisco S. 2000.Os Jê no Sul: roteiro para um modelo alternativo. In: *Uri e Wãxi, Estudos Interdisciplinares dos Kaingang*, Lúcio Tadeu Mota, Francisco S. Noelli, Kimiye Tommasino (org). Londrina: Ed. UEL, pp: 27-57.

Quiroga, José. 1749. Mapa de las Misiones de La Compañias de Jesvs. In *História dos Índios no Brasil*. Cunha, Manuela Carneiro (org.) 1992. Companhia das Letras, São Paulo.

Raab, L. M. e Goodyear, A.C. 1984. Middle range theory in archaeology: a critical review of origins and applications. *American Antiquity* 49:255-68.

Reid, J. J.; Schiffer, M. B. e Rathje, W. L. 1975. Behavioral Archaeology: Four Strategies. *American Anthropologist* 77:864-869.

Ribeiro, Pedro A. 1999-2000. A Tradição Taquara e as Casas Subterrâneas no Sul do Brasil. *Revista de Arqueologia Americana*, Instituto Panamericano de Geografia e História, 17,18,19 :9-49.

Rohr, João Alfredo 1971. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, Brasil. *Pesquisas*, Serie Antropologia, São Leopoldo, 24.

1984. Sítios Arqueológicos de Santa Catarina. *Anais do Museu Antropológico* UFSC/Museu de Antropologia, 17, p. 77-168.

Schiffer, M. 1972. Archaeological context and sistemic context. *American Antiquity* 37:156-165.

1976. *Behavioral Archaeology*. New York: Academic Press.

Schmitz, P.I. et al. 2002. O Projeto Vacaria; Casas Subterrâneas no Planalto Rio Grandense. *Pesquisas*, Antropologia, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas – Unisinos, 58, p. 11-106.

Silva, Fabíola A. 2000. As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e os seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xokleng. In: *Uri e Wãxi, Estudos Interdisciplinares dos Kaingang*, Lúcio Tadeu Mota, Francisco S. Noelli, Kimiye Tommasino (org). Londrina: Ed. UEL, pp: 58-80.

Thomas, , D. H. *Archaeology*.. New York: Holt, Rinehart, and Winston

Trigger, Bruce G. 1989. *A History of Archaeological Thought*. New York: Cambridge University Press..

Urban, Greg. 1992. *A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas*. In Cunha, Manuela Carneiro da. *História dos Índios do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.

Willey, G. R. e Sabloff, J. A. 1974. *A History of American Archaeology*. London: Thames and Hudson.